



# A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA: A ORIGEM DA FENOMENOLOGIA POSSUI FUNDAMENTOS NA TEORIA ARISTOTÉLICA?

Psychology as a science: does the origin of phenomenology have foundations in Aristotelian theory?

SÂMARA COSTA\*

La psicología como ciencia: ¿el origen de la fenomenología tiene fundamentos en la teoría aristotélica?

**Resumo:** Este trabalho analisará as influências da teoria aristotélica nas origens da fenomenologia, especificamente na investigação de Franz Brentano. Debruçaremos sobre a obra em que Brentano se afirma um aristotélico e compararemos com os seus intentos de destacar a psicologia como ciência juntamente com os fundamentos da fenomenologia. Para tal também desenvolveremos a importante noção de intencionalidade para a fenomenologia. E por fim, mostraremos que Brentano não nos parece tão aristotélico o quanto afirma.

**Palavras-chave:** Brentano, Aristóteles, Psicologia, Fenomenologia, Intencionalidade.

**Abstract:** This work will analyze the influences of the Aristotelian theory in the origins of phenomenology, specifically in the investigation of Franz Brentano. We will address on the work in which Brentano claims to be an Aristotelian and we will compare it with his attempts to highlight psychology as a science along with the foundations of phenomenology. For that, we will also develop the important notion of intentionality to phenomenology. And finally, we will show that Brentano does not seem completely Aristotelian as he claims.

**Keywords:** Brentano, Aristotle, Psychology, Phenomenology, Intentionality.

**Resumen:** Este trabajo analizará las influencias de la teoría aristotélica en los orígenes de la fenomenología, específicamente en la investigación de Franz Brentano. Nos detendremos en la obra en la que Brentano afirma ser aristotélico y la compararemos con sus intentos de destacar la psicología como ciencia junto con los fundamentos de la fenomenología. Para eso, también desarrollaremos la importante noción de intencionalidad para la fenomenología. Finalmente, mostraremos que Brentano no es tan aristotélico como se presenta.

**Palabras clave:** Brentano, Aristóteles, Psicología, Fenomenología, Intencionalidad.

\* Doutoranda em Filosofia pela Universidade do Porto, Portugal (Fundação para a ciência e para a tecnologia- FCT – PT). Email: samara.araujo@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2157-2994>.



## 1. Psicologia e Fenomenologia Aristotélica.

Aristóteles pode ser considerado um dos fundadores da Psicologia, como também da Fenomenologia. O *De anima* é uma das principais obras que Aristóteles definiu o que entendia como psique, obra confronta teorias dualistas, se assim podemos considerar a filosofia de seu mestre Platão e, como percebemos a partir da modernidade, mais fortemente com Descartes. Assim, seguiu-se a história da filosofia com uma tendência de separação entre ciências psicológicas das ciências fisiológicas, e das ciências da natureza. O tratado sobre a psique, ou *De anima* é um tratado psicológico mas também biológico; a investigação da psique é uma investigação da natureza, por isso o termo é muito mais amplo que pensarmos apenas em mente, ou em percepção. Como também defendeu David Charles, escrevendo que:

(...) o ponto de vista de Aristóteles, é de fato, radicalmente não cartesiano. Não é que ele adote uma opção padrão não-cartesiana (seja alguma versão do materialismo, seja reducionista, eliminativista ou não reducionista, funcionalista ou monismo neutro. Ele desafia a forma como Descartes formulou o nosso problema mente-corpo (Charles, 2021, p, 254)

Isso porque Aristóteles não separa físico de psíquico em sua teoria. As afecções e alterações como movimentos da psique, e quando o autor descreve tais alterações lida com causas materiais e formais simultaneamente, o hilemorfismo aristotélico. Assim, as descrições poderiam sempre se ater ou às causas materiais ou formais, mas o fenômeno não acontece de modo separado, não há nada que seja mental que não seja também corpóreo, como explica o autor: “Ora o físico e o dialético definiriam de forma diferente cada uma destas afecções, como, por exemplo, o que é a ira. O último defini-la-ia como um desejo de vingança, ou algo deste tipo; o primeiro, como a ebulição do sangue ou de alguma coisa quente à volta do coração” (Aristóteles, 2006, 403a30) As causas materiais referem-se as potências e capacidades físicas, e as formais são a própria psique em movimento com propósitos e finalidades, de todo o hilemorfismo aristotélico não as separa para mostrar que não há psique que não seja incorporada, e em relação com ambiente, as relações sociais. Aristóteles inclui explicações teleológicas para explicar o movimento dos animais e da natureza, estamos cientes da sua tentativa de fazer ciência a partir da abordagem do maior número de causas (sejam estas acidentais, e até mesmo causas ausentes) mas defendia que havia sempre causa final para o movimento, assim é causas com propósitos, teleológicas. O hilemorfismo é uma concepção bastante importante em sua teoria, a composição entre matéria e forma, são indissociáveis, toda matéria possui forma e ainda associa o hilemorfismo à uma linguagem modal de potência e ato, toda matéria é potência (*dinamis*) e toda forma é ato, ou atividade e primeiro ato de um corpo natural. E para além disso perceber é receber as formas sem sua matéria, as afecções e alterações da psique são formas implicadas no corpo material. Muitas traduções do que seria a matéria como potência é abordada como capacidades naturais, poderes da alma a serem atualizados na cognição. Cada ser é um composto de matéria e forma, tantos seres artificiais como artefactos, como seres naturais. Mas a noção de psique é atribuída somente aos seres vivos e animados, que apresentam movimento, e por isso até os planetas possuem psique para Aristóteles. A psique para Aristóteles é princípio de todos os seres vivos, substância formal, claramente toda substância é também material, e unidade em sua forma específica. A noção de forma é associada à causa final, pois tudo que possui uma forma possui uma finalidade, propósito, muitas vezes forma é entendida como função. Por outro lado, na percepção a recepção das formas sem sua matéria implica a atividade dos processos cognitivos e sensoriais. O principal é entender que não há separação do que seria psíquico e físico na teoria. Estes termos metafísicos não são tão complicados quanto parecem, mas aqui tratarei de identificar as influências aristotélicas em autores importantes para a fenomenologia contemporânea. Mostraremos que o ceticismo de Brentano choca com o realismo aristotélico. O realismo na percepção, na teoria do Aristóteles, talvez muito mais um tipo de realista direto, perceber para o autor é alterar-se, afetar-se, mas lembrando que não há qualquer separação entre o que seria considerado alteração e afecção física de psíquica, em correlação nas atividades cognitivas. Assim, como escreveu Sarah Broadie (1993):

Aristóteles fala como um realista sem pudor sobre os objetos dos sentidos. Nunca questiona a existência daquilo a que mais tarde se veio a chamar de mundo “externo”: um cosmos de substâncias físicas que existe independentemente do nosso conhecimento e percepção. E nunca duvida que os objetos que compõem esse mundo são realmente como se nos apresentam na experiência dos sentidos: pungentes, perfumados, quentes e frios, macios e duros, cheios de sons e cores, tal como os percebemos (p. 137).

Tal realismo em Aristóteles implica em entender a relação direta entre percepção e mundo, sem que haja tal separação entre o que seria interno e externo. Somos parte da natureza e nossa psique é parte da vida que



se está em relação, com o meio e outros seres, somos afetados como também podemos afetá-los. Há sempre a possibilidade de explicar a alteração e afecção a partir de explicações causais materiais, como também formais (e assim, psíquicas.). Não há separação entre corpo e psique na teoria aristotélica, a teoria aristotélica confronta o problema mente e corpo. A forma, portanto, é de algum modo a informação que chega aos nossos órgãos sensíveis e como somos afetados por estes, assim é, o som que chega aos ouvidos, a cor aos olhos, o cheiro ao olfato e todo o tangível. Todo o aparato sensorial é capaz de perceber (potencialmente/materialmente) pela psique ou substância formal (atividade/função). O realismo direto das formas trata-se da relação direta do corpo natural com o meio e seus sensíveis, a percepção não é enganosa, é sempre verdadeira para o autor, os sentidos não nos enganam, ao contrário do que vieram a defender muitos modernos e céticos em geral. Se vemos um lápis diferente quando mergulhado num copo com água não há qualquer engano na percepção, ou a visão do sol com tal magnitude no horizonte, trata-se da atividade de nossas capacidades perceptivas em relação direta com o ambiente e corpos (naturais/artificiais). A percepção mostra e revela nossas capacidades em relação direta com os meios através de nossas capacidades materiais como potência (poderes) para a atividade da percepção através das formas recebidas capazes de alterar-nos, afetar-nos. Podemos também reconhecer um tipo de realismo direto das formas e os órgãos dos nossos sentidos, há tangibilidade de algum modo na recepção das formas, seja para a cor, som, cheiro, e toda a tangibilidade do nosso corpo sensível, tacto, paladar, e toda a pele como o maior órgão sensorial, por exemplo. Assim como o realismo das formas tangíveis que são reconhecidamente como tal a exemplo da língua ou paladar (texturas, sabores) do tacto, assim é o contato direto para que haja percepção. A descrição da percepção é descrita por Aristóteles de um modo mais geral como a recepção das formas sem sua matéria.

## 2. O Início da Noção de Intencionalidade

A noção de intencionalidade é muito importante para a fenomenologia, e assumimos que os escolásticos desenvolveram os conceitos intencionais, (atos mentais) a exemplo de *tendere, intentiones* com base na teoria da psique de Aristóteles. Por que como foram estes que começaram a desenvolver mais as ideias advindas de tal concepção, pressupomos que estavam a dar continuidade de algum modo da interpretação da teoria aristotélica. O ponto é que quando afirmamos que a noção de intencionalidade já se encontra na filosofia de Aristóteles, entendemos que ao atribuir causa final para os movimentos da psique, claramente pode ser uma ideia relacionada à noção de intencionalidade. Os órgãos dos sentidos possuem a potência material para serem ativados ou atualizados formalmente. Assim é, são alterados com vistas a realizarem suas capacidades vitais. Se todos os movimentos tendem para algum fim, direcionam-se a algum fim, claramente é um movimento da psique, mas não separado do corpo natural, portanto, mais amplo que a noção de atos mentais. A psique se move (afeta-se e altera-se) mas também move o corpo o natural, é o que dá vida a este. Aristóteles, ao explicar o movimento (natural) com explicações teleológicas e formais, argumenta que as causas formais e finais explicam os movimentos melhor que as causas materiais apenas, assim é, mesmo a partir de sua teoria do desejo para explicar os movimentos dos animais, entendendo também como um tipo de explicação teleológica. Os movimentos na natureza não são acidentais, (há causas acidentais, mas estas não prevalecem sobre as finais) e Aristóteles defende a causa formal (necessária) para a realização dos movimentos em relação a objetivos, finalidades e intenções. Thomas Nagel (2012), em *Mind and Cosmos*, defendeu o resgate das explicações teleológicas: formas finais e causais para explicarem os movimentos da natureza (ordem natural) com finalidade, (e até a tentar explicar o surgimento da consciência), ou seja, a ordem natural e teleológica da natureza para tal fenómeno. Por outro lado, Martha Nussbaum (1978) argumentou que nem sempre podemos entender a intencionalidade ou as explicações teleológicas para explicar os movimentos dos animais em sua teoria do desejo [Nussbaum traduziu e comentou a obra de Aristóteles, *Motum Animalium*] pois Nussbaum admite a possibilidade da aleatoriedade dos movimentos dos animais, não entende que haja causa final com propósito em todo movimento dos seres vivos, de todo modo mesmo na aleatoriedade, ou movimentos acidentais, não há como abandonar a teoria do desejo aristotélica como algum tipo de explicação que também apresenta-se como teleológica.

## 3. O Problema da Ausência e Presença em Aristóteles (como se desenvolve a noção de intencionalidade)

Aristóteles escreveu que ausência e presença são causas e capazes de nos mover: “Ambas —ausencia y presencia— son, por lo demás, causas en tanto que mueven.” (Aristotle, *Metaph.* 1013b15) Tanto a presença como a ausência são causas motoras. Esta é uma das passagens que nos mostra como a percepção é direta, ou seja, a percepção dos objetos no campo perceptivo é atual ao receber as formas que recebe através dos órgãos sensíveis. Mas por outro lado, Aristóteles também se referiu a um tipo de causa para o movimento que não se encontra diretamente como actual na percepção direta, mas de algum modo indireta pela não presença de tais objetos que a causam. Victor Caston (2019) escreveu a argumentar sobre a diferença entre sensação e memória, e retoma Aristóteles (1991a) no De memória: “Mas pode-se chegar a um impasse: como lembrar o que não está presente em primeiro lugar, dado que, enquanto o afeto [pathos] está presente, o objeto está ausente?”<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> *But one might reach an impasse: How does one remember what is not present in the first place, given that, while the affect [pathos] is present, the object is absent?* (1, 450a25–27) (Tradução de Caston).



A sensação é sempre presente e atual, mas a causa desta pode estar ausente, afetando e alterando a percepção em atividade. As afecções e alterações são descritas como movimentos da faculdade da sensibilidade, da percepção, como uma faculdade psique em Aristóteles, que também são afetados pela memória, imaginação, pensamento. Assim é, algo que não está presente em nossa percepção direta pode nos afetar e mover, escreveu Aristóteles na *Metafísica*, há causas que não são do tipo das outras já conhecidas, são assim causas ausentes, objetos sensíveis não presentes pela percepção em atividade, mas simultaneamente, afetados pela memória e imaginação. Aqui o papel da concepção de *phantasma* em Aristóteles, e a *phantasia*, (mais comumente traduzidos como capacidade de imaginação) são afecções incorporadas. Perceber é a atividade de recepção das formas sem sua matéria, mas a imaginação não se refere apenas a imagens mentais como se costuma entender, a noção de *phantasma* em Aristóteles traduzida como imagem talvez não abarque totalmente o fenômeno, pois como escreveu Thomas Kjeller Johansen (2012) a *phantasia* em Aristóteles é uma capacidade da percepção e “a associação com “imagens” é enganosa, seja porque favorece a compreensão de representação visual sobre outros modos perceptivos” (Johansen, 2012, p. 199).

A concepção de *phantasma* e *phantasia* em Aristóteles corresponde a uma concepção de imaginação que é abarcada pela percepção, as formas são recebidas pelos órgãos sensíveis, mas não se refere apenas às imagens pela visão, mas à toda a sensibilidade. Imaginação, ou faculdade imaginativa em Aristóteles é incorporada a medida que sem percepção não há imaginação. E por isso o lidar com formas que não estão presentes seja pela memória e imaginação. As formas sensíveis ficam impressas na percepção na teoria aristotélica, a exemplo da analogia da cera e sua impressão do anel de sinete, e deste modo não temos memória e imaginação de imagens visuais apenas, mas de toda a nossa percepção.

Aristóteles escreveu que a causa do naufrágio é a ausência ou presença do capitão do navio, como um exemplo de causação da presença e ausência. Caston (2019) explorou que a memória pessoal é diferente da percepção, pois a memória e imaginação lidam com causas também ausentes, ao passo que a sensação e a percepção são sempre atuais. Como vimos Aristóteles escreveu que causas ausentes podem também ser causas do movimento. Visto como aparições para o tratamento do problema da presença da ausência na percepção, identificados por Caston (2019) como apontamentos também para o problema da intencionalidade já visto em Aristóteles. Ao distinguir a atividade da memória da percepção reconheceu o estagirita que há causas que podem estar ausentes, causas que seriam de um tipo diferente das quatro causas (material, causal, eficiente, final). Caston (2019) explorou o tema:

Mas então a memória não pode ser explicada pela mesmo modo como a sensação. Na sua opinião (Aristóteles), a sensação, como qualquer outro efeito causal, é simultânea com a atividade do objeto que a provoca e, portanto, requer a presença do objeto (Sobre a Alma 2.5, 417b24-25). O que nos faz lembrar numa determinada ocasião deve, portanto, ser algo presente. Mas pela mesma razão, a causa da lembrança não pode ser o seu objeto, que é, por definição, algo passado.<sup>2</sup>

A sensação é atual, estamos a perceber nossas sensações no presente, a causa destas é que podem estar no passado, portanto distingui Caston (2019) que a sensação é presente, enquanto o objeto que causa a mesma possa ser a retomada de formas sensíveis passadas, como atividade da memória. Dito isto, a memória retomas as formas sensíveis recebidas no corpo sensível pela percepção, e ao retomá-las também pode ser afetado e alterar-se. A percepção pelos órgãos dos sentidos, é sempre atual, mas não totalmente ancorada no ambiente, pois percebemos presenças que não estão no nosso campo perceptivo, assim é o papel da memória, e também da imaginação. A faculdade da imaginação atrelada à percepção altera-nos, afecta-nos, também causada por formas não presentes, ou seja, ausentes, Aristóteles escreveu “por vezes, ainda que nada de assustador aconteça, sentimos as afecções de quem está com medo” (Aristóteles, 1991a, DA 403<sup>a</sup>24). Caston (2019) identificou que o problema da presença na ausência se tornou um problema sobre intencionalidade em Aristóteles. Desenvolvido como um tema por Brentano, os objetos da percepção e o problema da presença e ausência assumiram a característica de movimentos intencionais e foram desenvolvidos por Brentano. E como desenvolveu Husserl, consciência é sempre intencionada, seja pelas coisas mesmas e atuais, ou pela memória, pensamento, imaginação. A intencionalidade em Brentano lida com o problema do intencionar o inexistente, já Husserl identificou a ambiguidade da intencionalidade, enquanto outros fenomenólogos a exemplo de Heidegger e Merleau-Ponty desenvolveram mais da intencionalidade da percepção engajada na ação, um tipo de intencionalidade muito mais incorporada. A descrição fenomenológica é sempre feita a posteriori o fenômeno, por isso é de algum modo ideal, e circunscreve-se como uma tentativa de abarcar pela linguagem a experiência perceptiva. Nesse ponto sempre perderemos aspectos relevantes e por isso é tão difícil como um método para descrição das sensações, percepção, pensamento, memória, imaginação. Ao passo que a partir da particularidade da experiência vivida tem de ser descrita para buscar alguma possível universalidade (da ciência). Assim é como na fenomenologia de Husserl, uma fenomenologia de essências descritivas que recaiam sobre a compreensão causal entre particularidade e pluralidade de descrições perceptivas, e conseqüentemente encontre algum tipo de acordo sobre o que algo é.

<sup>2</sup> But then memory cannot be explained by the same model as sensation. On his view sensation, like any other causal effect, is simultaneous with the activity of the object that brings it about and so requires the object's presence (*On the Soul* 2.5, 417b24–25). What causes us to remember on a given occasion must therefore be something present. But for just the same reason, the cause of remembering cannot be its object, which is, by definition, something past. (p. 258).



## 4. A Intencionalidade como Marca do Mental em Brentano.

Franz Clemens Brentano (1838-1917) foi um importante filósofo e investigou a filosofia de Aristóteles, sua tese de doutorado (*Sobre os vários modos de ser*, 1862), a debruçar sobre as categorias e metafísica aristotélica (o que posteriormente influencia também Heidegger, os modos de ser do *Dasein*). Aqui, focaremos na obra de Brentano (2020) nomeada *Psicologia desde o ponto de vista empírico* (publicada em 1874), onde o autor desenvolve sua concepção de intencionalidade. A noção de intencionalidade como um tipo de experiência interna que seria caracterizada como a marca do mental, de todo modo, a intencionalidade como uma experiência interna pode ser para algo que pode existir ou não. Ao caracterizar o que era um especificamente um fenômeno psíquico, lida com a noção de intencionalidade, ou seja, o mental para o autor sempre possui:

(...) a referência a um conteúdo, a direção a um objeto (sob o qual uma realidade não deve ser compreendida aqui) ou a objetividade imanente. Todos os fenômenos psíquicos contêm em si algo como objeto, embora nem todos da mesma maneira. Na representação há algo representado; no juízo há algo aceito ou rejeitado; no amor, amado; no ódio, odiado; no apetite, desejado; etc. (Brentano, 2020, p. 114-115).

Dito isto, a realidade do mental para Brentano possui a característica marcante da intencionalidade, caracterizada como um fenômeno psíquico, e ainda acrescenta que nenhum “fenômeno físico apresenta nada parecido” (Brentano, 2020, p. 114-115), o que parece no mínimo estranho. Para além disso sublinhou Simone Gozzano (1997):

Brentano também defende uma segunda tese. De acordo com isso, todos os fenômenos psíquicos são intencionais e nenhum fenômeno físico é. Uma crítica muito radical se opôs a essa ideia: nem todos os fenômenos psíquicos exibem a característica da intencionalidade (p. 9).

Gozzano (1997) estava a lembrar de E. Husserl quando escreve sobre o fenômeno da dor por exemplo que não parece apontar para um objeto, ou de modo distinto a pensar também em John Searle (1983) que desenvolve mais sobre o mesmo ponto, e outros casos como a depressão por exemplo entre outros processos considerados psíquicos, em que não se apresenta intencionalidade para um objeto, ou se apresenta de modo distinto como apontou Brentano sem ainda imaginar que no desenvolvimento da fenomenologia tal atribuição passaria a evocar o fenômenos físicos, a exemplo de Merleau-Ponty que escreve sobre intencionalidade motora e representação motora.<sup>3</sup> E também Heidegger anteriormente em *Ser e Tempo* sobre a intencionalidade estar dissociada de um fenômeno puramente considerado mental, o engajamento em atividades e a intencionalidade incorporada a partir da prática e repetição, como melhor desenvolve tais concepções como uma espécie de segunda natureza para Hubert Dreyfus (1991). Mas a característica fundamental para Brentano dos fenômenos psíquicos é a intencionalidade. Escreveu Tim Crane (1998):

A originalidade de Brentano não está em apontar a existência da intencionalidade, nem em inventar a terminologia, que deriva de discussões escolásticas sobre conceitos ou *intentiones*. Em vez disso, sua originalidade consiste em sua afirmação de que o conceito de intencionalidade marca o objeto de estudo da psicologia: o mental (p. 1).

Brentano sublinhou que entendeu que um fenômeno psíquico era aquele que possui um objeto intencionalmente, não importa se tal objeto realmente existisse na percepção direta ou não, parecendo realmente estar a referir-se a um tipo específico de intencionalidade, a mesma vista em Aristóteles causas ausentes, Brentano (2020, p. 116) escreveu:

Certos sentimentos se referem de modo inconfundível a objetos, e a linguagem também os indica mediante as expressões das quais se serve. Dizemos que alguém se alegra de algo e por algo, que se entristece ou se aflige por algo. E assim mesmo se diz: “Isto me alegra”, “isto me chateia”, “Isto me prejudica”, etc. Igualmente acontece na afirmação ou na negação, no amor e no ódio, no apetite ou na fuga, também da alegria e da tristeza seguem claramente a uma representação e se referem ao que é representado nela.

Na passagem acima, vemos que Brentano tem a preocupação em mostrar que sentimentos e pensamento possuem o caráter intencional. Outra característica dos fenômenos psíquicos é que são “percebidos pela consciência interna, enquanto os fenômenos físicos pela percepção externa” (Brentano, 2020, p. 117), e aqui surge o problema, entre percepção externa e interna, Brentano (2020) acrescenta:

Mas, além da especialidade de seu objeto, a percepção interna também tem algo mais que a distingue, a saber, aquela evidência imediata e infalível que pertence somente a ela entre todos os conhecimentos dos objetos da experiência. Portanto, quando dizemos que os fenômenos psíquicos são aqueles que são captados pela percepção interna, com isso diz-se que sua percepção é imediatamente aparente (p. 117).

<sup>3</sup> Ver o desenvolvimento de tais noções na *Fenomenologia da Percepção* (1945).





Para além disso, Brentano apresentou um tipo de ceticismo em relação ao realismo da percepção externa, afirmando que a “percepção interna não é apenas a única imediatamente evidente, mas também a única percepção no sentido estrito da palavra” (Brentano, 2020, p. 117). Pois acredita que “os fenômenos da chamada percepção externa não podem ser demonstrados de forma alguma, nem mesmo por fundamento mediato, como verdadeiros ou reais” (Brentano, 2020, p. 117). E novamente penso que tal pensamento não é nada aristotélico, todo o ceticismo de Brentano vai de confronto com o realismo naturalista da teoria da percepção aristotélica. Brentano defendeu que a percepção externa não é considerada uma percepção, e somente a percepção interna poderia ser propriamente uma percepção (Brentano, 2020), o que não nos pareceu completamente claro o que o autor quer defender com tal afirmação. Apesar de indicar que: “Conhecimento, alegria ou apetite realmente existem, enquanto cor, som ou calor existem apenas fenomenal e intencionalmente” (Brentano, 2020, p. 118). O que também vai de confronto com a sensibilidade e seus sensíveis próprios que estão sempre numa relação realista entre o meio externo e interno na teoria aristotélica, havendo a necessidade do meio ideal para o exercício dos órgãos dos sentidos realizarem suas capacidades para a percepção. Vimos que em Brentano há alguma influência cética na relação realista entre percepção na relação com o externo, por outro lado afirmou que a percepção interna que tornaria tudo possível de ser conhecido, o que parece estranho como uma teoria do conhecimento cética em relação ao que nos é externo. O que realmente fica claro é o esforço de Brentano em tentar argumentar a favor da investigação psicológica, e ao tentar mostrar a unificação de toda experiência na subjetividade, e defender que é a partir de toda experiência interna que é individual e particular nasce todo o conhecimento. O esforço ao identificar a consciência como um “fenômeno unificado” (Brentano, 2020, p. 123), e observar que toda a tentativa de objetividade claramente é a partir de tal unidade na subjetividade, neste momento tornou-se claro por que Brentano é considerado um dos fundadores da fenomenologia.

Quando percebemos uma cor, um som, um calor ou um cheiro, nada nos impede de atribuir cada uma dessas qualidades a uma coisa particular diferente. Por outro lado, a diversidade dos correspondentes atos de sensação (ver, ouvir, ter a sensação calor e cheiro) e, com eles, o simultâneo querer, sentir e meditar, assim como a percepção interna que nos dá conhecimento de tudo isto; todos esses atos, digo, somos obrigados a considerá-los como fenômenos parciais de um fenômeno unitário no qual estão contidos, ou seja, como uma única coisa unitária (Brentano, 2020, p. 123).

Brentano nomeia todas as devidas funções dos órgãos dos sentidos, assim como o desejo, a sensação e até mesmo a meditação como atos mentais, e aponta que todos estes fenômenos psíquicos participam de uma única coisa: a unidade da consciência. E deste modo escreveu que prefere referir-se a fenômenos psíquicos como atos psíquicos. Jocelyn Benoist (2005) escreveu que a noção de ato mental referindo-se à intencionalidade claramente é uma das invenções e desenvolvimento da fenomenologia. E acrescentou sobre a alusão de tais noções remeterem a noções do aristotelismo, assim como a atualização dos poderes dos sentidos, Benoist (2005, p. 16) destacou:

A noção de ato é certamente o lote comum da psicologia do século XIX em um sentido pós-kantiano que implica uma referência a atividade do sujeito, mas também, segundo autores neo-aristotélicos que introduzem uma dimensão de atualidade ou atualização na análise psicológica do conhecimento ou das demais realizações do sujeito. (...) É então de uma noção descritiva muito geral que se trata, destinada a dar conta de tudo o que o psíquico proporciona e que é objeto de análise do psicólogo, pode-se dizer. Tudo o que acontece no teatro mental.

Ficamos com a ideia de que a noção de intencionalidade ligada à de atos mentais, claramente é parte do desenvolvimento do pensamento aristotélico, com influência aristotélica, pois a percepção como faculdade da psique apresenta poderes (potências/capacidades) a serem atualizados, ativados na cognição. O que se trata de um movimento intencional na relação do corpo e mundo, relações. Mas visto isso concordamos com Christopher Shields (1995) que o relato de Brentano falha ao separar a intencionalidade como um ato psíquico e com conteúdo representacional separados de fenômenos físicos. Assim como entendeu Maria Cecília Gomes dos Reis ao seu comentário na tradução do *De Anima*:

Em linhas gerais, deu-se o seguinte. Brentano dedicou-se à filosofia de Aristóteles em geral e à psicologia em particular, mas conservou a inspiração escolástica no modo de interpretar o aspecto teológico da metafísica e o intelecto ativo.<sup>4</sup>

Assim é, Brentano, permanece dualista em alguma medida em sua interpretação aristotélica, atribuindo uma maior importância a um tipo de intencionalidade do inexistente, o caráter do mental como intencional, mas intencional para objetos também inexistentes. Tendo em vista que a psicologia aristotélica, e uma teoria da psique incorporada, pois a faculdade imaginativa não é separada da perceptiva em Aristóteles, e não há intencionalidade da psique, a não ser por um corpo que pode agir e intencional. O mental não pode ser caracterizado intencional em seus poderes psíquicos a não ser por suas capacidades físicas.

Qual seria o tipo de internismo que defende Brentano? Parece aqui também ao afirmar que a expe-

<sup>4</sup> Comentário de Maria Cecília Gomes dos Reis na introdução do *De anima* (Aristóteles, 2006), p. 35.



riência interna é a única real e a percepção externa é real se intencional (o que lembra um pouco Berkeley) entre outros céticos em relação à percepção externa (Kant, Descartes). Brentano enfatiza a realidade da experiência interna na subjetividade para descrever os poderes da mente e a importância da Psicologia como ciência. Ele escreveu que “tudo que é psíquico cai sob a percepção interna. Mas isso não significa que tudo é notado” (Brentano, 2002, p. 129). Para ele, qualquer tentativa de objetividade deve partir da unidade da subjetividade, pois todo conhecimento vem da experiência interna e a consciência é um “fenômeno unificado” (Brentano, 2020, p. 123). No entanto, tem a psicologia como uma ciência que se concentra na subjetividade e na intencionalidade da mente. Isso o torna um dos fundadores da Fenomenologia e, conseqüentemente, da Fenomenologia como metodologia para a Psicologia. Aristóteles não era cético quanto à percepção externa ou à extensionalidade porque apoiava explicações científicas na física e na biologia. E argumentou que o interno não é independente da percepção externa; mas correlacionados (não há separação entre mente e corpo, físico e psíquico). Por outro lado, a intencionalidade como marca do mental assemelha-se com a explicação dos movimentos dos animais com propósitos, vontades, desejos, finalidade em Aristóteles. A psique como substância formal é também causa final, portanto intencional, mas a intencionalidade do mental em Brentano ao negar a percepção externa diferencia-se da noção de psique em Aristóteles. Segundo Brentano, a psicologia deve ser entendida como a investigação da psique. Aristóteles foi um dos primeiros a investigar o tema, assim é, um dos fundadores da Psicologia como ciência. No *De Anima*, no entanto, Aristóteles apontou que a investigação da psique é uma investigação particular da natureza, isto é, física também, não exclusivamente psicológica. Brentano visava mostrar a grande diferença entre as esferas física e psicológica e descrever a realidade da percepção interna, como a marca do mental. Rolf George e Glen Koehn (2004) escreveram que quando Brentano distinguiu entre fenômeno mental (atos mentais) dos fenômenos físicos, atribuiu a predominância do que reconhecia como experiência interna, por que: “concluiu que a distinção entre os dois tipos reside no fato de que atos mentais sempre tem objetos que “intencionalmente não existem” neles, e os fenômenos físicos não” (p. 29). Assim, entendemos que Brentano referiu-se ao papel da intencionalidade do mental a partir da imaginação e memória a lidar com objetos inexistentes, algo que também escreveu Aristóteles. Por fim, Brentano observou a dissimilaridade entre psicologia e física (e outras ciências, política por exemplo), para concluir que a psicologia se ocupa com a investigação da intencionalidade. Tal posição de Brentano ao apontar diferenças entre essas duas esferas (física e psicológica) insistia claramente na fundamentação da Psicologia como ciência, a Física por exemplo já estava estabelecida enquanto tal.

## 5. Psicologia: Ciência da Alma e dos Fenômenos Psíquicos.

Brentano definiu a psicologia como a ciência da alma justamente para lidar com a definição mais limitante em voga na época de que a psicologia lidava com fenômenos psíquicos. “De modo que afirmam que a ciência da natureza tampouco deveria definir-se como ciência dos corpos, senão como ciência dos fenômenos físicos”. Assim, Brentano já sublinhava que havia a separação do que seria considerado físico e psíquico. Dito isto irá definir o que entendia como fenômeno, noção que contrasta para o autor com o que seria “real e verdadeiro ser”, e pareceu sofrer alguma influência kantiana, ou quizá cartesiana, pois pareceu acreditar que não podemos conhecer muito mais fenômenos internos do que externos. Como escreveu Tim Crane (2017):

Brentano era mais aristotélico do que kantiano, mas a ênfase na relação da ciência com os fenômenos, e não com as coisas em si, é central para sua filosofia. (...) Brentano distingue claramente entre ‘aquilo que real e verdadeiramente existe’ e aparências ou fenômenos. Ele achava que havia uma realidade subjacente por trás dos fenômenos, mas isso não pode ser o que ele chama de “objeto da ciência”. A ciência só pode estudar fenômenos (p. 45).

Como vimos a realidade dos fenômenos remete às suas aparências, e logo entende-se identificar teu ceticismo como kantiano, mas contrastamos ao que parece ser proveniente de alguma influência também cartesiana:

Assim, dizemos que os objetos de nossos sentidos, tal como a sensação nos mostra, são meros fenômenos: que cor, som, temperatura e sabor existem real e verdadeiramente fora de nossa sensação, ainda que indicam algo real e verdadeiramente existente (Brentano, 2020, p. 27).

Para além de duvidar de nosso acesso ao mundo, acrescenta algum ceticismo em relação ao próprio mundo, o que parece complicar ainda mais, pois o ceticismo de Brentano apresenta duas vias, tanto da nossa percepção para conhecer o externo, como da nossa própria relação com a percepção, Brentano (2020) escreve:

(...) a falsidade dos objetos da sensação dos sentidos está completamente provada. Mas mesmo que a prova não pudesse ser apresentada com tanta clareza, a verdade desses objetos deveria ser posta em dúvida. Ora, nenhuma garantia delas seria dada até que a hipótese de que realmente existe um mundo,



um mundo que provoca nossas sensações e que mostra certas analogias com o que nos aparece nestas, seja suficiente para explicar os fenômenos (p. 27-28).

Seguido disso Brentano parece delimitar que o que entende como fenômeno não é apresentado por uma visão realista, como claramente acreditávamos ser os fundamentos da fenomenologia aristotélica. Mas, por outro lado, se Brentano é cético em relação ao realismo da experiência sensorial e dos fenômenos externos, não acontece o mesmo sobre o que entende como experiência interna, e escreveu afirmando (sobre tal experiência interna):

(...) que de sua existência temos até aquele conhecimento muito claro e aquela certeza plena que ocorre na intuição imediata. E por isso ninguém pode duvidar propriamente se o estado psíquico que ele percebe existe em si mesmo, nem se existe como ele o percebe. Quem quisesse continuar a duvidar disso acabaria na dúvida total, num ceticismo que de fato se anularia, porque também teria destruído qualquer ponto de apoio do qual poderia tentar atacar o conhecimento (Brentano, 2020, p. 28).

Dito isto, Brentano confrontou a definição de psicologia como a ciência dos fenômenos psíquicos (definição que o autor atribui a Kant) e assim com tal argumentação afirma que não é racionalmente justificável contrapor fenômenos psíquicos com a ciência da natureza. Pois entende a realidade da experiência interna de modo mais realista que a externa. Aqui, Brentano parece aproximar mais uma vez de Aristóteles ao mostrar que não pode haver separação entre uma ciência da natureza e da investigação de fenômenos psíquicos. Brentano apontou que se há ou não alma (psique) não importa, o que importa é que há fenômenos psíquicos. E por fim, assume que não há problema em assumir as duas definições, de que a psicologia é a ciência da alma ou dos fenômenos psíquicos. Estariam ambas corretas. Brentano (2020) escreveu que o conhecimento dos fenômenos físicos é uma representação dos mesmos, enquanto os conhecimentos dos fenômenos psíquicos possuem uma realidade em si mesmo, e acrescentou:

Vimos que tipo de conhecimento é capaz de obter o investigador da natureza. Os fenômenos de luz, som, calor, lugar e movimento local, com as quais ele lida, não são coisas que realmente existem. São signos de algo real que, por seu efeito, produz a representação desses sinais. Mas é por isso que eles não são nenhuma imagem correspondente a esse real, e apenas em um sentido muito imperfeito eles dão conhecimento disto (p. 38).

Como já vimos Brentano seguirá numa corrida em que parece concorrer com o tipo de investigação física, afirmando que a investigação psíquica é possível de ser mais bem investigada, ou seja, alcança se mais a verdade no segundo do que no primeiro: “a verdade do fenômeno físico é, como se pode expressar, uma verdade relativa. Algo diferente acontece nos fenômenos da percepção interna. Estes são verdadeiros em si mesmos” (Brentano, 2020, p. 38). Dito isso afirmou as vantagens da psicologia sobre as ciências da natureza, algo que não parece nada aristotélico já que para Aristóteles não havia tal separação, pelo contrário, a investigação da psique era também uma investigação da natureza. Por outro lado, entendemos o argumento de Brentano com o intuito de argumentar a favor da superioridade da psicologia como ciência e ainda sublinhar que nesta se encontra as “raízes da estética” (p. 39) e acrescenta:

(...) a psicologia tem além disso, a tarefa de se tornar o fundamento científico de uma doutrina da educação, tanto do indivíduo quanto da sociedade. Junto com a estética e a lógica, a ética e a política também nascem de seu terreno. E, assim, a psicologia surge como condição fundamental do progresso da humanidade, justamente naquilo que antes tudo constitui a sua dignidade (p. 39).

Brentano pareceu sugerir que a psicologia poderia juntamente ser útil a teorias estatais, e contrapôs com o poder das investigações em fisiologia e da medicina, mas destacou que ainda assim os bons médicos necessitam conhecer teorias psicológicas para realizarem melhor seu trabalho e o mesmo vale para estadistas. Novamente Brentano (2020) recorreu a Aristóteles para confirmar sua posição visto no *De Anima* em tal passagem (p. 45):

Partindo do princípio de que o saber é uma das coisas belas e estimáveis, e que alguns saberes são superiores a outros quer pelo seu rigor, quer por tratarem de objectos mais nobres e admiráveis, por estes dois motivos poderemos com boa razão colocar a investigação sobre a alma entre os mais importantes. (DA 402<sup>a</sup>5)

Algo que também apostará Husserl sobre o papel da investigação da consciência, e que Ryle rechaçou, pois para o filósofo anglo-saxão, se houver alguma ciência que seja superior às demais deveria ser a lógica, esta que claramente tem de estar presente em qualquer raciocínio.<sup>5</sup> Enfim, Brentano previa um futuro brilhante para psicologia como um tipo de investigação que logrará ser considerado uma ciência, e apostava em seu desenvolvimento: “As leis psicológicas constituirão um fundamento seguro para as ações individuais e ainda mais para as massas, nas quais se equilibram circunstâncias favoráveis e adversas imprevisíveis” (Brentano, 2020, p. 43). Dito

<sup>5</sup> Ver Ryle (1962), p. 85-104.





isto, Brentano afirmava a psicologia como uma ciência acreditando tanto no seu desenvolvimento como também em sua aplicação sobre as demais. Brentano ao recorrer inúmeras vezes à obra aristotélica ao mesmo tempo que distingue em demasia fenômenos psíquicos de físicos parece preocupar-se em demasia com uma definição que Aristóteles com certeza não o faria, entre o que seria delimitação do interno e externo, percepção externa e interna, o que para o estagirita era tudo parte de um mesmo processo, entendia que as causalidades sempre estavam correlacionadas. Enfim, a tentativa de delimitação de Brentano parece tentar responder aos questionamentos sobre a psicologia como tendendo a fixá-la como um tipo de investigação séria.

## 6. Psicologia versus Fenomenologia

Neste momento entendemos por que alguns filósofos analíticos confrontaram a fenomenologia nomeando-a de psicologia, isso por que suas origens apresentam uma ligação intrínseca com a psicologia. E para já, vemos o quanto Brentano valorizou a experiência como método para a fenomenologia, e o mental como um fenômeno experienciado. Husserl foi na mesma direção quando escreveu:

É a este mundo que nossos julgamentos se referem. Fazemos afirmações – algumas singulares, outras universais – sobre as coisas, seus relacionamentos, suas mudanças, suas dependências funcionais para variar e as leis destas variações. Expressamos o que a experiência direta nos oferece. Seguindo os motivos da experiência, inferimos o que não é vivenciado daquilo que é vivenciado diretamente (do que é percebido e do que é lembrado); generalizamos e então transferimos o conhecimento universal de volta para casos singulares, ou, no pensamento analítico, deduzimos do conhecimento universal novas universalidades (Husserl, 2012, 1ª Lição).

Os fenomenólogos ainda possuem alguma dificuldade para definirem a fenomenologia metodologicamente, como lidar com descrições fenômenos mentais por exemplo, a partir da possibilidade de descrição do particular para o universal e assim apresentar-se como uma ciência empírica, o que tentou defender Brentano (2020) a referir-se sobre a psicologia. Ele escreveu:

Os fundamentos da psicologia, como da ciência da natureza, são a percepção e a experiência. Mas é sobretudo a percepção interna dos próprios fenômenos psíquicos a que se converte em fonte para a psicologia. Se a percepção interna não nos mostrará nos próprios fenômenos, nunca desenvolveríamos o conhecimento do que é uma representação, um juízo, uma alegria ou uma pena, um apetite ou uma aversão, uma esperança ou um medo, um animo ou um desalento, uma decisão e uma intenção do querer (p. 48).

Na tentativa de definição de metodologias para a psicologia vimos semelhanças com a fenomenologia, sobretudo na valorização de descrições dos fenômenos mentais, o que Brentano nomeou de percepção interna e a partir de um tipo de observação interna *a posteriori* a descrição de fenômenos psíquicos. Assim, Brentano classificou a psicologia como um tipo de ciência empírica, como apontou Crane (2017, p. 45): “A partir de suas reflexões sobre a experiência, Brentano buscou traçar a distinção entre psicologia e outras ciências”. Brentano comentou sobre como tantos outros autores duvidaram de tal método como fonte de conhecimento, a descrição da experiência, mas defendeu ser um método empírico e do mesmo modo, acontece à fenomenologia.<sup>6</sup> Tal ideia vai de encontro com a fricção entre o que é subjetivo e objetivo para a produção de conhecimento, algo que também enfrentam os fenomenólogos. Ademais somado a toda a crítica de filósofos analíticos em duvidarem de qualquer expressão de conhecimento em descrições em primeira pessoa. De qualquer modo, Brentano esteve atento, como todo fenomenólogo, que por trás de toda tentativa de objetividade da ciência, está nada menos que a subjetividade, e escreveu sublinhando que tal observação não é apenas descrição de subjetividade, mas a tentativa concreta de descrições de fenômenos que compartilhamos:

Então a percepção interna dos próprios fenômenos psíquicos é a primeira fonte de experiência, essencial para a pesquisa psicológica. E essa percepção interna não deve ser confundida com uma observação interna dos estados que ocorrem em nós, pois tal observação é bastante impossível (Brentano, 2020, p. 53).

Então o método da psicologia seria a experiência descrita e da fenomenologia idem, mas de todo modo está a incredulidade, como observar o fenômeno da ira por exemplo quando se está a viver tal experiência? Assim, a possibilidade de observação dos fenômenos psíquicos pela experiência não pode ser feita no momento exato da experiência, a observação tem de ser uma tentativa de rememoração. Escreveu Brentano (2020, p. 54): “A memória, assim como em todas as ciências empíricas torna possível a acumulação de fatos observáveis

<sup>6</sup> Brentano (2020) escreveu: “Comte não apenas rejeita a observação interna, cuja impossibilidade ele reconheceu corretamente, embora dando uma explicação de valor duvidoso para ela, mas com ela também rejeita simultânea e indistintamente a percepção interna dos próprios fenômenos intelectuais. E o que ele dá em troca dela? Mill aponta isso quando fala de Comte: “Temos quase vergonha de dizer: é fenomenologia”, sua crítica consegue facilmente mostrar como, partindo dos fenômenos que nos são oferecidos externamente, nunca poderia ter sido possível chegar a qualquer representação de julgamento ou de conclusão” (p. 52). Também lembra outro confronto com a ideia de observação interna a partir de Kant: “Kant adverte sobre as consequências de tal tentativa de observação interna. Em efeito, ele diz que essas são “a maneira mais rápida de se envolver em emaranhados mentais” e que aqui fariamos “supostas descobertas do que nós mesmos introduzimos”. (p. 53).



com o fim de constatar verdades gerais, na psicologia possibilita a observação dos próprios fatos”. Assim, para descrever os fenômenos psíquicos dos quais escreveu Brentano é preciso algum tipo de rememoração, o que não parece tão simples tal observação *a posteriori*. Esse é um dos problemas centrais tanto para a psicologia como para a fenomenologia, como escreveu Merleau-Ponty (1999): “Somos convidados a retornar às próprias experiências que elas designam para defini-las novamente” (p. 32). Praticamente trata-se de uma tentativa de objetivação do que seria subjetivo, e esta é uma das críticas à psicologia como ciência, pois precisam ser resgatadas as experiências e descritas, escreveu Merleau-Ponty: “(...) pensamos saber o que é sentir, ver, ouvir, e essas palavras agora representam problemas” (p. 32). E a partir disto sugeri Merleau-Ponty e Sartre um tipo de pensamento pré-objetivo que deveríamos tentar resgatar para tentar acessarmos tais fenômenos, quicá os mesmos considerados psíquicos por Brentano, a observação da subjetividade, numa tentativa de descrição pré-objetiva. Brentano também estava ciente da dificuldade de recuperação de tais fenômenos pela rememoração, “a memória está amplamente sujeita ao engano, enquanto a percepção interna é infalível e exclui toda dúvida” (Brentano, 2020, p. 55). A percepção e memória estão correlacionados principalmente para a capacidade de conhecimento, como escreveu Aristóteles em *Analíticos Posteriores*:

Então, da percepção vem a memória, como a chamamos, e da memória (quando ocorre frequentemente em conexão com a mesma coisa), experiência; para memórias que são muitas em número de uma única experiência. E da experiência, ou de tudo que é universal que se encontra na alma (a única e separada de tudo, o que quer que seja uma e a mesma em todas as coisas), surge um princípio de habilidade e de compreensão - a habilidade de lidar com como as coisas acontecem, de compreender se isto é o caso (Aristóteles, *Posterior Analytics*, 1991b, 100a3-100a9).

Na teoria aristotélica a memória, imaginação, pensamento são capacidades físicas e psicológicas (não há psique separada de um corpo natural), o hilemorfismo (matéria e forma e potência e ato) é uma noção composicional<sup>7</sup>, e podemos conhecer a psique através das suas capacidades, enfim, não nos parece haver outra alternativa, conhecer a psique a não ser pela psique, assim como, a percepção pela percepção. Estaremos sempre sujeitos à dificuldade metafísica imposta pela linguagem para lidar com a descrição dos fenômenos e sua compreensão.

## Considerações Finais

Brentano escreveu que Aristóteles foi o primeiro a classificar a psicologia como ciência da alma (psique) entendendo-a como uma investigação da natureza. Ainda que Aristóteles entendia como psíquicos o reino das plantas, animais, assim a psicologia aristotélica não apontava que plantas possuíam consciência, mas como observou Brentano as plantas eram tomadas como seres vivos e animados. Assim a noção de psique em Aristóteles é mais ampla que pensar apenas em psique humana. Além disso apontou que sendo o *De Anima*, obra psicológica das mais antigas também incluía conhecer atividades em níveis vegetativos, sensitivos e intelectivos. Claramente, Brentano sublinhou que a psicologia moderna reduziu as partes a se investigar, excluindo os vegetativos, por exemplo. Assim, o reino das plantas não é considerado como abrangendo comportamentos mentais, psíquicos, e foi excluído do âmbito da pesquisa psicológica (Brentano, 2020). Brentano escreveu que a psicologia moderna passou a não incluir os animais “na medida em que estes (como as plantas e os corpos inorgânicos) são objeto de percepção externa” (Brentano, 2020, p. 22), para o autor uma divisão necessária e útil para a investigação de dividir questões de natureza distintas, e assim concentrar nos fenômenos da consciência humana. Brentano sugeriu que o próprio Aristóteles tenha insinuado tal delimitação para a psicologia, lembrando que escreveu sobre obras com diferentes recortes que hoje conhecemos como a *Metafísica*, *Lógica* e *Ética*. Acrescenta:

Assim, no terceiro livro sobre a alma, onde trata do movimento voluntário, abstém-se de investigar os órgãos que fazem a mediação entre o apetite e o membro a cujo movimento é direcionado ao apetite. Bem, lidar com isso - diz ele, falando completamente como um psicólogo moderno- não é uma questão de quem investiga sobre a alma, mas sobre quem lida com o corpo (Brentano, 2020, p. 23).<sup>8</sup>

De todo modo não concordamos totalmente com a afirmação anterior de Brentano em que há essa delimitação entre descrições psicológicas e fisiológicas no *De Anima*, Aristóteles parece transitar entre o que poderia ser considerado psicológico e fisiológico, pois desenvolve bastante sobre a parte ou faculdade nutricional da psique, o que poderia ser considerado fisiológico.

A concepção de alma (psique) foi contraída em relação ao que vemos em Aristóteles, reconheceu Brentano, referindo-se ao amplo escopo que para Aristóteles todos os seres vivos e animados (apresentam movimen-

<sup>7</sup> Aristóteles escreve em *Sense and Sensibilia* (1991c, 9436<sup>a</sup>7-436<sup>a</sup>16): “Os atributos mais importantes dos animais, sejam comuns a todos ou peculiares a alguns, são, manifestamente, atributos da alma e do corpo em conjunto, por exemplo, sensação, memória, paixão, apetite e desejo em geral, e, além disso, prazer e dor. Pois estes podem, de fato, ser ditos como pertencentes a todos os animais” (p. 2. Todas as traduções do português são minhas).

<sup>8</sup> Brentano cita Aristóteles, *De Anima III*, 10, 433b 21.



to) são psíquicos, mesmo quando divide e a separa em distintas faculdades, compartilhadas e distintas entre os seres, a exemplo de faculdade nutritiva compartilhada por plantas e animais, e a faculdade perceptiva apenas nos animais em geral. O que Brentano argumentou entender sobre alma/psique apresenta semelhanças com a noção aristotélica, vejamos:

O uso linguístico moderno entende por alma a substância que possui representações e outras propriedades que, como as representações, são apenas imediatamente perceptíveis pela experiência interna e que se baseiam nas representações. Portanto, a substância que possui uma sensação (por exemplo, uma imaginação, um ato de memória, um ato de esperança ou medo, apetite ou repulsa) costuma ser chamada de alma (Brentano, 2020, p. 23).

Assim, o uso da noção ainda pode ser considerado aristotélico, e por mais que tenha sofrido modificações ao longo do tempo, a definição de psicologia, segundo Brentano ainda poderia ser entendida nas mesmas noções que também desenvolveu Aristóteles, a saber como a ciência da alma.<sup>9</sup> Por outro lado, Brentano frisou bastante que o que entendia como alma, ou o estudo da psicologia que defendia se deduz pelo que o autor chama de “*experiência interna*” (Brentano, 2020, p. 24). E assim pareceu distinguir o que seria a investigação da psicologia à experiência interna, distinguindo-a de um outro tipo de experiência que seria externa, e que a segunda seria objeto das ciências da natureza. Brentano acrescentou que haviam leis que partilhavam tanto da experiência interna como também externa, e a ciência responsável por investigar tal clivagem seria a caracterização da metafísica. Claramente, Brentano diferenciou ciências da natureza das investigações da psicologia, algo que não faz muito sentido a partir da leitura do *De Anima*, pois para Aristóteles a investigação da psique era também uma investigação da natureza, e até metafísica<sup>10</sup>. De qualquer modo, Brentano tendeu a defender por fim, a tentar mostrar como as duas esferas física e psicológica são interdependentes, e que do mesmo modo também compreendia Aristóteles<sup>11</sup>. A ver o que escreveu Brentano:

Pois os fatos que a fisiologia considera e os que a psicologia considera estão, apesar de toda diversidade essencial, intimamente correlacionados. Encontramos propriedades físicas e psíquicas ligadas a um mesmo grupo. E não apenas os estados físicos se originam dos estados físicos e os estados psíquicos dos estados psíquicos, mas também os estados físicos resultam de estados psíquicos e, vice-versa, estados psíquicos, estados físicos (Brentano, 2020, p. 24).

De todo modo, para Brentano o psicólogo deve estar atento nas relações causais entre psíquico e físico. Entendemos que não faz muito sentido quando Brentano defendeu que Aristóteles havia delineado a psicologia como a ciência da alma, primeiro fica redundante, sim, o *De Anima* é uma investigação da psique. Vejamos por que:

Primeiro, Aristóteles apontou que a investigação da psique era um tipo de ciência (investigação), mas afirmar que a psicologia aristotélica é a ciência da alma é o mesmo que compreender que a investigação da psique é a investigação da psique, uma tautologia. Segundo, Brentano esforçou-se bastante para distinguir fenômenos físicos de psíquicos o que provavelmente também não faria sentido na investigação da psique aristotélica. Ao mesmo tempo, Brentano mostrou ao fim que não havia delimitação da influência de tais relações causais para o estudo da psicologia, Aristóteles com certeza esteve ciente disso e não as separava. Para Aristóteles a investigação da psique com certeza era uma investigação válida, incluso considerada da natureza e não necessariamente separada (mental ou da alma) como pareceu entender Brentano. Mas, claro, Brentano estava a enfrentar a validação moderna da psicologia (e logo, também a fenomenologia) como um tipo de investigação científica em pleno século XIX, mas ao sublinhar diferenças entre psicologia e fisiologia, não é totalmente aristotélica sua abordagem psicológica, pois não havia tal separação na psicologia de Aristóteles.

9 Brentano não diz onde Aristóteles escreveu tal afirmação, e eu não consegui encontrar nada similar. Assim deveríamos entender a investigação da psique como a ciência da psique, o que parece ser redundante, até mesmo por que no *De Anima* Aristóteles aponta que a investigação sobre a psique é uma investigação em especial da natureza. (DA 402<sup>a</sup>5) O ponto aqui é fácil identificar o intuito de Brentano de fazer com que a psicologia seja identificada com um tipo de ciência, algo que provavelmente não estaria fora do contexto de Aristóteles, pois a psique é o princípio de todos os animais e sua investigação primordial.

10 Aristóteles, DA 402<sup>a</sup>5. (Forma pode ser compreendida como uma noção metafísica).

11 Aristóteles entendia a compreensão e definição da natureza das coisas e seres a partir do ponto de vista de dois pontos material e formal (digamos que é uma noção também metafísica), portanto o físico seria aquele que visa o aspecto material e o dialético que visa o formal, tendo em vista que não há separação entre matéria e forma na teoria aristotélica. Vejamos como Aristóteles explica tal distinção no *De Anima*: “Ora o físico e o dialético definiriam de forma diferente cada uma destas afecções, como, por exemplo, o que é a ira. O último defini-la-ia como um desejo de vingança, ou algo deste tipo; o primeiro, como a ebulição do sangue ou de alguma coisa quente à volta do coração. Destes, um deles dá conta da matéria, o outro da forma específica e da definição. É que a definição é «o este» da coisa e, a existir, é necessário que isso exista em certo tipo de matéria. Assim, a definição de «casa» seria deste tipo: «é uma protecção capaz de impedir a destruição pelo vento, pelo calor e pela chuva». Então, um dirá que a casa é «pedras, tijolos e madeira»; o outro, que é «a forma existente naqueles em vista de tais fins». Qual destes homens é, afinal, um físico? O que se ocupa da matéria, ignorando a definição, ou o que se ocupa apenas da definição? Ou é antes o que algo diz a partir de ambas as coisas? E o que chamar afinal a cada um dos outros? Ou então não existe quem se ocupe das afecções da matéria que não são separáveis, nem sequer enquanto separáveis? Ora o físico ocupa-se de todas as acções e afecções de certo tipo de corpo e de certo tipo de matéria; todas as que não são deste tipo, deixa-as ao cuidado de outro. Umas dirão respeito, eventualmente, a um perito, conforme o caso por exemplo, a um carpinteiro ou a um médico. As afecções não separáveis, em virtude de não serem de um determinado tipo de corpo e de derivarem de uma abstracção, pertencem ao foro do matemático. Já em virtude de existirem separadamente, competem ao primeiro filósofo” (DA 403<sup>a</sup>30-403b15).



A fenomenologia apresenta-se como possibilidade metodológica para a psicologia, e como ciência empírica. E desenvolveu-se ao longo dos anos após o trabalho de Brentano, e parece-nos ter retornado ao enfoque de uma fenomenologia incorporada e intencional na cognição situada, sem dualismos entre o que seria o mental e o físico, o corpo e a mente (ou psique). Podemos assumir que atualmente a fenomenologia é bem menos internista do que quando escreveu Brentano. A escolha de Brentano delimitar campos da ciência, por tipos de fenómenos (físicos e psíquicos x internos e externos) parece-me menos uma psicologia menos incorporada do que a de Aristóteles e incluso (permanece dualista), ademais quando se afirma cético em relação à experiência externa, ou divide externo de interno. A psique não pode ser separada do físico, é incorporada e situada, não faz sentido separar o físico do psicológico na teoria aristotélica. O ceticismo de Brentano em relação à experiência externa parece mais com Kant e Descartes, do que Aristóteles. O próprio Brentano assumiu que a psicologia era base para todas as ciências, (ciência da psique) algo que Husserl também defendeu sobre a fenomenologia da consciência. Brentano valorizou a percepção interna apresentar ser mais real e verdadeira, o que nos parece bastante problemático, se defende a constância da intencionalidade diante do ceticismo à percepção externa. Husserl defendeu um tipo de conhecimento essencialista para a fenomenologia, mas ao mesmo tempo valorizava a percepção como conhecimento originário. O voltar às coisas mesmas trata-se de tentar apreender que a atitude fenomenológica abarca e compreende a particularidade da percepção e da experiência, ou seja, sua facticidade, e simultaneamente lidou com a tentativa da apreensão essencialista do pensamento e da linguagem como um desafio para a fenomenologia. O que de fato é mais semelhante à abordagem aristotélica na definição de psique como acto. Husserl assemelha-se com o Aristóteles da *Metafísica* para a fundamentação da fenomenologia no *Ideias*, ao sugerir que a fenomenologia como método deve ser um tipo de descrição essencialista. Heidegger e Merleau-Ponty voltam-se para a atualidade da percepção, na ação, no comportamento, assim as descrições fenomenológicas destes trata-se de um tipo de intencionalidade muito mais motora, do corpo engajado em ação, e se há algum tipo de representação trata-se muito mais de apresentar-se como representação motora. O que de fato é mais semelhante à abordagem aristotélica na definição de psique a partir das modalidades potencial e atual, poderes ou capacidades em atividades. Com o desenvolvimento da fenomenologia como metodologia, ocupando mais espaços em abordagens como por exemplo nas ciências cognitivas, algo que se assemelhou à proposta de Brentano para a Psicologia como ciência. Consequentemente a fenomenologia adquiriu uma abordagem mais ampla, e menos dualista, ou internista, enfrentando o problema mente-corpo cartesiano, assim como Aristóteles à tradição platônica. As abordagens menos dualistas no desenvolvimento da fenomenologia e seus abarcamentos pela psicologia são provenientes de ideias que já encontrávamos na teoria da psique em Aristóteles, assim como desenvolveram Heidegger, Merleau-Ponty.

## Referências

- Colloque Philosophique de Royaumont (1962). *Cahiers de Royaumont. La Philosophie Analytique* [Philosophie N° IV]. Les Éditions du Minuit.
- Aristóteles (2006). *De Anima*. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes Reis. São Paulo: Ed. 34.
- Aristóteles (2010). *Sobre a alma*. Revisão científica de Tomás Calvo Martínez. Trad. de Ana Maria Lóio. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Lisboa.
- Aristotle (1991a). On Memory. In *Complete Works (Aristotle)* (Translated by J. I. Beare). Princeton, NJ: Jonathan Barnes, Princeton University Press.
- Aristotle (1991b). Posterior Analytics. In *Complete Works (Aristotle)* (Translated by J. I. Beare). Princeton, NJ: Jonathan Barnes, Princeton University Press.
- Aristotle (1991c). Sense and Sensibilia. In *Complete Works (Aristotle)* (Translated by J. I. Beare). Princeton, NJ: Jonathan Barnes, Princeton University Press.
- Benoist, J. (2005). *Les limites de l'intentionnalité. Recherches phénoménologiques et analytiques*, Paris: J. Vrin.
- Brentano, F. (2002). *Descriptive Psychology*. London: Routledge.
- Brentano, F. (2020). *Psicología: Desde el punto de vista empírico*. Salamanca: Ediciones Sígueme.
- Broadie, S. (1993). Aristotle's Perceptual Realism, *The Southern Journal of Philosophy*, Vol XXXI, Supplement. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.2041-6962.1993.tb00697.x>
- Caston, V. (2019). Intentionality in Ancient Philosophy, In Edward N. Zalta (Ed.). *The Stanford Encyclopedia*



- of *Philosophy* (Winter 2019 Edition). Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/win2019/entries/intentionality-ancient/>.
- Charles, D. (2021). *The Undivided Self. Aristotle and the 'Mind-Body Problem*. London: Oxford Press.
- Crane, T. (1998). Intentionality as the mark of mental. In Anthony O'Hear (Ed.). *Contemporary Issues in the Philosophy of Mind* (pp. 228-251). Cambridge University Press: Cambridge.
- Crane, T. (2017). Brentano on intentionality. In U. Kriegel (Ed.), [\*Routledge Handbook of Franz Brentano and the Brentano School\*](#) (pp. 41-48). London, UK: Routledge.
- Dreyfus, H. (1991). *Being-in-the-World: A Commentary on Heidegger's Being and Time, Division I*. Cambridge, MA: MIT Press.
- George, R. & Koehn, G. (2004). Brentano's relation to Aristotle. In Dale Jacquette (Ed.). *The Cambridge Companion to Brentano* (pp. 20-44), Cambridge: Cambridge University Press.
- Gozzano, S. (1997). *Storia e teorie dell'intenzionalità Il dibattito contemporaneo e le sue radici*. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/GOZSET>
- Husserl, E. (2012). *La Idea de la Fenomenología*, Traducción, introducción y notas: Jesús Adrián Escudero. Herder Editorial.
- Johansen, T. K. (2012). *The Powers Aristotle's Soul*, London: Oxford.
- Merleau-Ponty, M. (1999) *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes (Original de 1945).
- Ryle, G. (1962). La Phénoménologie contre The Concept of Mind. In Colloque Philosophique de Royaumont, *Cahiers de Royaumont. La Philosophie Analytique* [Philosophie N°. IV] (pp. 85-104). Les Éditions du Minuit.
- Searle, J. R. (1983). *Intentionality: An Essay in the Philosophy of Mind*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Shields, C. (1995). Intentionality and Isomorphism in Aristotle. [\*Proceedings of the Boston Area Colloquium of Ancient Philosophy\*](#), 11, p. 307-30.

Recebido em 20.01.2023 – Primeira Decisão Editorial em 23.06.2023 – Aceito em 07.11.2023